

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: ENTRAVES E POSSIBILIDADES

Fabiane Rodrigues Alves de Lisboa¹
José Firmino de Oliveira Neto²

RESUMO

A família é o primeiro contato da criança com o meio social, onde a mesma apreende e desenvolve sua personalidade com valores morais e sociais desde os primeiros anos de sua vida. Ao longo do seu crescimento, a criança, precisa de maior apoio e outras aprendizagens, que só a escola é capaz de oferecer. Assim, ambas as instituições sociais, devem juntas garantir os direitos da criança, dando suporte e proporcionando condições para seu pleno desenvolvimento psicossocial. Portanto, este trabalho questiona: Como a relação família-escola tem se efetivado na contemporaneidade? Objetivando apreender as dinâmicas (des)estruturantes da relação família-escola. Nesse viés, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, baseada em estudos bibliográficos. A estruturação da relação família-escola se mostra como um desafio que deve ser enfrentado por todos os envolvidos no processo educativo, desenvolvendo novas ou resgatando antigas relações entre essas instituições sociais com a finalidade de cooperação entre as partes para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Portanto, evidenciamos que o professor é figura essencial para que essa relação aconteça, facilitando a aproximação da família com a vida escolar das crianças, e dando oportunidade as primeiras de serem ouvidas, e participarem ativamente das ações e projetos da escola.

Palavras-chave: instituição escolar; relação família-escola; professorado.

FAMILY-SCHOOL RELATIONSHIP: OBSTACLES AND POSSIBILITIES

ABSTRACT

The family is the child's first contact with the social environment, where he learns and develops his personality with moral and social values from the first years of his life. During their growth, the child needs more support and other learning, which only the school is able to offer. Thus, both social institutions must together guarantee the rights of the child, supporting and providing conditions for their full psychosocial development. Therefore, this work asks: How has the family-school relationship been implemented in contemporaneity? Aiming to apprehend the (de)structuring dynamics of the family-school relationship. In this perspective, we developed a qualitative research, based on bibliographic studies. The structuring of the family-school relationship is a challenge that must be faced by everyone involved in the educational process, developing new or restoring old relationships between these social institutions with the aim of cooperation between the parties for a better learning and development of children. Therefore, we evidence that the teacher is an essential figure for this relationship to happen, facilitating the approximation of the family with the children's school life, and giving the first opportunity to be heard and actively participate in the actions and projects of the school.

Keywords: school institution; family-school relationship; professorship.

Recebido em 26 de novembro de 2021. Aprovado em 17 de dezembro de 2021.

¹ Centro Universitário Araguaia. E-mail: fabiane.rodrigues@estudante.uniaraguaia.edu.br

² Centro Universitário Araguaia. Rede Municipal de Educação de Goiânia. E-mail: jose.neto@uniaraguaia.edu.br

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos vivenciamos uma diversidade de ideias relacionadas à concepção de família, seu conceito e sua estrutura sofrem mudanças de acordo com o contexto social, histórico e econômico atual. Em sua gênese, a família brasileira se constituía de maneira patriarcal e com papéis bem definidos, o pai sendo provedor de toda a renda e à mãe cabia o papel de cuidar da casa e dos filhos (CANEDO, 2018).

Desde a década de 1960, quando a mulher começou a ser vista de outra forma pela sociedade em geral, passando a ter mais direitos e assim agindo ativamente no setor econômico, tal conceito de família tomou novos rumos e precisou se adequar. A presença feminina no mercado de trabalho vindo a contribuir para o sustento da família mudou a configuração e a concepção dessa instituição.

A presença feminina na força de trabalho, que representava 27,3% em 1969, alcançou o patamar de 43,6% em 2009, revelando um crescimento expressivo, modificando os papéis de provedor e cuidador associados às identidades de gênero no âmbito da família, contribuindo para a redução da prole e transformando as relações conjugais e intergeracionais (CANEDO, 2018, p. 51).

Na contemporaneidade precisamos ter em mente que não existe um conceito único para definir o que seja a família, constituindo-se o mesmo múltiplo, estando interligada a cultura e relações sociais tantas. As famílias se configuram das mais variadas formas e estruturas, tendo pais, mães, avós, tios e tantos outros personagens que se torna inviável uma definição única. Fica claro então, que não podemos desconsiderar, rotular e julgar as famílias formadas a partir de nenhuma conjuntura, seja ela heterossexual ou homossexual, com apenas um provedor de renda, e até aquelas em que são constituídas por parentes consanguíneos mais distantes (CAETANO, 2014).

A família é o primeiro contato da criança com o meio social, é onde a mesma apreende e desenvolve sua personalidade com valores morais e sociais desde os primeiros anos de sua vida, percebendo que está inserida em um ambiente compartilhado por outras pessoas, pode assim compreender o amor, o respeito e normas de convivência possibilitando seu pleno desenvolvimento.

Ao longo do seu crescimento, a criança, precisa de maior apoio e outras aprendizagens, que só a escola é capaz de oferecer, como, por exemplo, o convívio social fora do ambiente familiar e a completa formação como ser humano. Deve-se levar em consideração, que é na escola que as crianças passam grande parte de sua vida, portanto acontece uma troca maior de aprendizagens entre essas duas instituições. “As relações que se estabelecem entre a família e a escola devem ser cuidadosamente compreendidas, pois são estas as instituições presentes na formação do sujeito em desenvolvimento” (SANTOS, 2014, p.108).

Com autores do campo da aprendizagem, a citar: Vigotsky (2010), apreendemos que o processo educativo da criança começa antes mesmo do seu acesso à escola. Pela família, seus costumes, cultura e organização, a criança começa a compreender o mundo a sua volta, ou seja, humanizar-se mediante a apropriação de elementos culturais que configuram o humano. Nessa conjuntura, é oportuno referendar que a mesma tem a capacidade de se desenvolver biologicamente e também culturalmente, quando é ouvida, estimulada, cuidada e interage com o meio ambiente e com as pessoas de seu convívio familiar de forma saudável.

A aprendizagem que se origina da vida cotidiana e sem intencionalidade também é importante para o desenvolvimento das crianças, onde se estabelece conexões com o mundo por meio da língua materna, padrões de comportamento, identidade, e normas de

comportamento, a qual podemos definir como educação informal. Concordando com essa questão podemos citar Libâneo (2010):

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

No que se refere à educação formal, segundo Gohn (2006) seus objetivos se relacionam ao processo ensino-aprendizagem de conteúdos sistematizados e normatizados por lei. E, portanto, precisam ser analisados mais a fundo levando em consideração a sociedade, o tempo histórico, seus comportamentos, costumes e culturas para enfim tecer algo mais consistente relacionado a sua evolução, já que esta se passa em locais institucionalizados e com diretrizes legais.

Assim, tanto a família quanto a escola realizam a educação das crianças, de formas e objetivos diferentes, não existindo uma hierarquia entre uma e outra. As duas instituições sociais, família e escola, são importantes e devem proporcionar de maneira conjunta uma aprendizagem significativa e complementar, a família dando seu apoio e se interessando pela educação escolar das crianças e a escola dando abertura e criando vínculos das famílias com o ambiente escolar (SANTOS, 2014).

A aproximação da família com a rotina escolar de crianças e jovens é uma questão que muda muito de acordo com a sociedade, formação familiar, classe social ou até mesmo devido ao grau de escolaridade de pais ou responsáveis. Por isso deve ser analisada por um olhar mais cuidadoso tendo em vista várias especificidades das pessoas que compõem essa estrutura familiar e escolar. De acordo com Laureau (1987), quando os professores consideram os pais como parceiros, eles desenvolvem estratégias de acompanhamento e auxílio sistemático aos filhos, promovendo uma melhor interação entre os vários níveis curriculares, o que possibilita, ao aluno, usar todo o seu potencial.

Mediante as reflexões que empreendemos podemos afirmar que a família não é mais a única responsável pelo desenvolvimento escolar das crianças. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, traz no art.º 4:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990).

Assim, podemos reiterar mediante preceitos legais que o processo educativo do indivíduo é dever da família e da escola. Ambas as instituições sociais interagindo e garantindo os direitos da criança, dando suporte e proporcionando condições para seu pleno desenvolvimento psicossocial.

Uma efetiva relação entre escola e família se mostra um fator para o desenvolvimento educacional das crianças, porém a família não pode ser responsabilizada sozinha pelo fracasso ou mal desempenho das crianças na escola, pois outros fatores, como: os sociais, políticos, econômicos e culturais, se mostram também com forte influência sobre

tal resultado.

Dado o exposto, este trabalho questiona: Como a relação família-escola tem se efetivado na contemporaneidade? Nesse sentido, objetivamos apreender as dinâmicas (des)estruturantes da relação família-escola.

Assim, optamos pelo desenvolvimento de uma pesquisa de natureza qualitativa (LARA, 2011), para buscar compreender e interpretar os porquês da importância na relação escola-família e como essa ação interfere no aprendizado das crianças. Baseadas em estudos bibliográficos e artigos anteriores, “Seu objetivo é colocar o autor da nova pesquisa diante de informações sobre o assunto de seu interesse” (LARA, 2011, p. 24), proponho esclarecer a importância de aproximação entre escola e família, trazendo mais compreensão do tema, refletindo sobre as atitudes, de pais e escola, que devem ser colocadas em prática e as que não podem mais ser adotadas para o bom aproveitamento educacional das crianças.

Relação família-escola: entraves e possibilidades

A relação família-escola nunca foi tão importantemente discutida como atualmente, isso porque onde existe sintonia, diálogo e participação as chances de acontecerem problemas certamente são minimizadas ou, se ocorrerem, são mais facilmente resolvidas. “A busca de uma boa relação entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco a criança” (SILVA, 2017, p. 54).

A escola tem como um dos seus principais papéis o ensino de conhecimentos científico aos alunos, para o convívio em sociedade e acaba exercendo também essa função educativa, informativa e explicativa abrangendo as famílias, onde orientam as demandas familiares que surgem, podendo assim criar meios de comunicação e formação contribuindo para a formação integral das crianças, já que essa é a expectativa de ambas as instituições.

Faz-se necessário uma estreita relação entre família-escola desde o início da entrada da criança na primeira instituição escolar, somente com essa relação estabelecida se reduz as dificuldades de relacionamento e adaptação das crianças com professores, equipe gestora, seus colegas e se tem a possibilidade de introduzir a criança no mundo educativo de maneira gradual e integral, fazendo a escola parte complementar da família, estabelecendo uma convivência harmoniosa e agradável (SILVA, 2017).

A família contribui para a formação das crianças com amor, liberdade, felicidade, justiça, generosidade, honestidade e moralidade, já a escola vem com a premissa de educar para a democracia, constituindo um ser criativo, crítico, reflexivo com conhecimentos necessários para atuar em sociedade. “Assim, a função da família e da escola complementa-se na construção de um ser humano mais participativo e mais consciente” (SILVA, 2017, p.55).

Certamente, uma relação harmoniosa e complementar não é fácil de ser estabelecida e alcançada, posto que a família precisa assumir sua responsabilidade na educação das crianças, unindo pensamentos, estratégias e ações educativas com a escola para que o ensino seja dialógico e compartilhado por todos os envolvidos no processo.

Entender a necessidade e a importância de uma relação dialógica entre família-escola é de suma importância para que alcancemos resultados cada vez melhores no que diz respeito ao desenvolvimento integral da criança. Diante de todo o exposto, fica evidente que é completamente relevante uma relação de companheirismo, participação e responsabilidade compartilhada entre família-escola (COSTA, 2019, p. 11).

Ao contrário, o que se percebe muito nas relações família-escola é o “empurra-empurra” que se configura nas atitudes de professores que dizem ser os pais os grandes responsáveis por dificuldades de aprendizagem das crianças, e de outro lado os pais que culpam os professores pelo fracasso no desenvolvimento de seus filhos. Superar esse jogo de disputa é parte do processo de conscientização de ambas as partes, para poder esquecer o culpado e sim focar em assumir compromissos, tendo cada uma sua responsabilidade no processo educativo das crianças (SILVA, 2017).

Existem inúmeras vantagens em uma participação ativa da família na escola, podemos citar:

Aumenta a motivação dos alunos pelo estudo; ajuda os pais a compreenderem melhor o esforço dos professores e a desempenharem melhor os seus papéis; melhora a imagem da escola e reforça o prestígio profissional dos professores, que assim se sentem mais motivados para melhor desempenharem as suas funções (LOUREIRO, 2017, p. 106).

Essa participação mais constante e ativa da família deve ser oportunizada pela escola com mais frequência e profundidade para que as famílias se sintam parte integrante do processo educativo de seus filhos. Não é só convidar a família para uma festa temática na escola, quando necessita de recursos para algum evento ou até mesmo os convocando para reuniões pedagógicas onde apenas a escola é detentora da fala (CAETANO, 2014).

A participação da família na escola pode ser concretizada por meio de uma gestão democrática, que é a efetiva união de esforços entre pais, alunos, professores e funcionários onde se estabelece responsabilidades pelo projeto da escola. Esses personagens assumem ativamente seu papel de gestores e não de meros fiscalizadores ou receptores de um produto acabado (GADOTTI, 1993).

Nesse viés, é preciso considerar que alguns fatores contribuem para o afastamento das famílias na vida escolar das crianças, como: organização do tempo familiar, nível socioeconômico e socioeducativo dos pais, as más experiências escolares que esses experimentaram no decorrer da sua vida escolar ou o fato de só serem chamados por atitudes negativas dos filhos e para atividades de espectadores, devem ser consideradas, compreendidas e mudadas pelo grupo diretivo.

Quando falamos em organização do tempo familiar, fica claro que as famílias se queixam da falta de tempo para sua melhor participação na escola, devido aos horários que esta faz o chamamento das famílias ou até pela formação da família que por muitas vezes conta com apenas um membro para mantê-la economicamente, ficando quase impossível a participação do mesmo na escola, caso não exista por parte dele uma melhor comunicação e envolvimento (LOUREIRO, 2017).

Outro fator que interfere na relação família-escola é quando os pais não se sentem preparados para auxiliar seus filhos nos deveres de casa e até para esclarecer dúvidas relacionadas ao conteúdo, devido a seu nível socioeducativo. Afastam-se da escola por achar que sua contribuição seria desnecessária, criando assim, um distanciamento entre eles que pode parecer desinteresse, mas que na verdade não se configura como tal. Muitos desses pais acreditam, apoiam e se esforçam para que os filhos tenham a educação que eles não tiveram.

Nessa conjuntura, precisamos elucidar que é oportuno reconsiderar a convocação das famílias na escola apenas para a realização de reclamações, levantamento de problemas ou para reuniões onde são apenas ouvintes, pois dessa maneira só se estabelece um maior distanciamento e uma visão distorcida do que é a escola e sua finalidade.

Para superar esses e outros obstáculos a comunidade escolar, na qual a família está inserida, devem investir em relações mais personalizadas, comunicação mais direta, clara e sem preconceitos, ouvir e manter comunicação com os alunos, de maneira a construir confiança com os mesmos e por fim, a harmoniosa interação professor-aluno, já que esta sendo estabelecida pode-se prevenir problemas disciplinares e possibilitar uma melhor aprendizagem do alunado (LOUREIRO, 2017).

O envolvimento dos pais na escola com resultados positivos por parte dos seus filhos/ alunos, que inclui o sucesso acadêmico, a assiduidade, o bom comportamento, a redução de retenções e a baixa desistência escolar, parecem-nos ser motivos suficientemente fortes para justificar o investimento nesta construção de cooperação entre todos os agentes educativos e pelas famílias/pais, na esfera da educação e do escolar (LOUREIRO, 2017, p. 111).

Configura-se, portanto, um desafio que deve ser enfrentado por todos os envolvidos no processo educativo, para uma mudança dos paradigmas tradicionais e se desenvolver novas ou resgatar antigas relações entre família-escola com a finalidade de cooperação entre as partes e assim objetivar uma melhor aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

O papel do professor na relação família-escola

Uma figura se faz essencial para o estabelecimento da relação família-escola se fortalecer, o professor. É ele que facilita a aproximação da família com a vida escolar das crianças, com ações pedagógicas diversificadas e postura de ensino democrática para que envolvam seus alunos juntamente com suas famílias dando oportunidade de serem ouvidas, e participarem ativamente das ações e projetos da escola.

O professor que prima por uma ação pedagógica democrática cria possibilidades de seus alunos se desenvolverem integralmente e com aprendizagem significativa, construindo seus próprios sentidos relacionando-os com sua história de vida e com a maneira que se enxergam no mundo (DOWBOR, 2008).

Não é certamente, a ação do professor, a única responsável pela aproximação das famílias com a escola. Ele é o facilitador dessa aproximação, mas precisa ter a cooperação das famílias e o apoio da gestão da instituição escolar, coordenação, direção e até dos órgãos competentes que estabelecem as normas gerais para a educação. Os pais precisam ser ouvidos, bem como os professores devem ter a liberdade de se expressar respeitando o posicionamento dos pais, em atitude de cooperação, um se colocando no lugar do outro, reconhecendo que não estão em lados opostos, e sim são agentes da mesma ação: a educação (TAVARES, 2013).

Desta forma, é urgente ao professor assumir uma postura democrática para promover o estreitamento da relação família-escola, nesse viés podemos apontar algumas características para esse estreitamento de laços: se ocupa com o outro e se prepara para recebê-lo, reflete sobre a própria prática, cria vínculos realizando intervenções e devolutivas, estabelece diálogo, assim sendo, tais características devem ser praticadas tanto com os alunos quanto com as famílias, para uma efetiva relação de harmonia e parceria entre os envolvidos (DOWBOR, 2008).

Quando o professor se ocupa e se prepara para receber seu aluno estabelece uma ligação com a família, ao passo que precisa se inteirar da história de vida do aluno até aquele momento, quer seja saber o que gosta, necessita, como está o nível de aprendizagem, bem

como contribuir para um melhor crescimento desse aluno. Portanto, são questões que devem vir na mente e nas ações de um professor que espera ter a parceria da família: “ele percebe que existe uma história de vida do educando e que esta deve ser levada em consideração no processo de aprendizagem dele” (DOWBOR, 2008, p. 68).

Assim, refletir sobre a própria prática é uma ação importantíssima. É por intermédio de uma reflexão comprometida que conseguirá reavaliar suas práticas iniciais podendo mudar, continuar, acrescentar ou intensificar suas propostas para um aprendizado significativo dos alunos fazendo com que as famílias percebam seu posicionamento, reconsiderando suas ações. “Considero que é esse um dos maiores desafios do educador democrático compromissado com seu aprendizado de ser educador. Nós não nascemos educador; nós nos fazemos ao longo de cada dia de nossa trajetória de o ser” (DOWBOR, 2008, p. 69).

Criar vínculos com a intenção de dar autonomia ao educando é objetivo do professor, dando possibilidade que sejam eles mesmos, sem pressionar e passando a segurança necessária para que consigam (re)construir narrativas próprias. Contudo, ficará mais fácil realizar intervenções e devolutivas, comprometendo-se com o processo e oferecendo liberdade para o aluno se expressar, pensar, criar, refletir e solicitar auxílio quando precisar.

Uma relação em que o diálogo não se configura como ação partilhada por ambos os agentes da dinâmica educativa, não se consolida realmente. Assumir uma postura dialógica é se colocar aberto para o outro, suas ideias e também para o mundo. Portanto, o professor deve ouvir alunos e família para também ser ouvido, quando necessário e estabelecer uma proximidade e confiança com família e alunos. “A postura dialógica assumida pelo educador na relação com o educando possibilita que ambos se exercitem na construção de um vínculo pedagógico respeitoso e cria espaço para que cada um se mostre como realmente é” (DOWBOR, 2008, p. 74).

Como a escola é uma instituição que se propõe a formar cidadãos, torna-se necessário construir uma relação de diálogo, onde exista entre família e escola uma troca de saberes. E como em qualquer relação é necessário que exista compreensão. É necessário que uma instituição saiba escutar a outra, e, principalmente, respeitar e compreender as ideias, crenças e valores diferentes, tornando-se complementares, integradoras (TAVARES, 2013, p. 52).

Expostas essas ponderações, fica claro que estabelecer uma relação de proximidade e comprometimento para uma efetiva cooperação entre família e escola, não é certamente tarefa fácil de desenvolver. Porém, temos também que, o professor é o agente que facilita, e ainda proporciona esse processo, por meio de suas ações. Evidentemente, quando possui suporte e liberdade de agir com alunos, família e seus superiores na instituição escolar, para assim concretizar uma relação família-escola capaz de dar autonomia, criticidade e cidadania ao ser humano desde a infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos e evoluções da relação família-escola descritos neste artigo deixa evidente que a instituição escola não atua sozinha na educação das crianças, da mesma maneira que a família não tem as especificidades para fazer com que seus filhos se desenvolvam de maneira global e satisfatória sem a escola. Cada uma dessas instituições

sociais devem assumir seus papéis e em um movimento de colaboração e parceria fazer com que suas ações possam possibilitar o desenvolvimento integral das crianças. As famílias devem se sentir acolhidas e compreendidas pela escola, e esta deve se planejar e proporcionar um ensino de qualidade e significativo, respeitando cada história de vida manifestada pelos alunos.

Ainda concluímos que o professor se constitui como agente que pode facilitar ou dificultar a relação entre a família e a escola. Com suas ações ele pode estabelecer vínculos com as famílias ao mesmo tempo em que proporciona aos alunos meios de alcançarem o conhecimento pretendido, fazendo assim com que a aprendizagem extrapole os limites da escola e a família se sinta parte integrante desse processo.

Contudo, com diálogo, respeito e entendimento de todos envolvidos, os obstáculos que estarão pelo caminho durante a formação dos alunos serão superados e conseguiremos chegar ao objetivo comum dessas instituições: a formação integral das crianças.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição Federal 1988 disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 19 mar 2021.
- BRASIL. ECA – Estatuto da Criança e Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 29 maio 2021.
- CAETANO, Luciana Maria; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. A relação escola e família: reflexões teóricas. In: **Relação escola e família: Diálogos interdisciplinares para a formação da criança**. São Paulo, Paulinas, 2014, p. 11-40.
- CANEDO, Maria Luiza. **Família e escola: interações densas e tensas**. Curitiba, Appris, 2018.
- COSTA, Maria Aparecida Alves da; SILVA, Francisco Mário Carneiro da; SOUZA, Davison da Silva. **Parceria entre escola e família na formação integral da criança**. Revista PEMO, Fortaleza, v.1, n.1, p. 1-14, 2019.
- DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Editora Cortez. 2008.
- GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo, Ática, 1993.
- GOHN, M. da G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Rio de Janeiro: Ensaio, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006
- LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. **Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias**. Maringá, 2011.
- LAUREAU, A. **Diferenças de classe social nas relações família-escola. A importância do capital cultural**. Sociologia da Educação. 60, 73-85. 1987.
- LIBANÊO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12ªed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LOUREIRO, Marta Assis. **Relação família-escola: Educação dividida ou partilhada?** INFAD Revista de Psicologia, n.1, 2017.
- SANTOS, Vanilza Valentim dos; ROSIN, Sheila Maria. A importância da família no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. In: CAETANO, Luciana Maria, orgs. **Relação Escola e Família**. São Paulo, Paulinas, 2014, p. 101-122.
- SILVA, Luciane Duarte da. **Impactos da educação: Relação Família e Escola**. Revista do IGES, Ano 1 n.1, maio de 2017.
- TAVARES, Camila Mendes Martins; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. **Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria**. Revista Formação @Docente. Belo Horizonte. Vol. 5. Nº 1. Jan/Jun 2013. P. 43-57.
- VARANI, Adriana; SILVA, Daiana Cristina. **A relação família-escola: implicações no**

desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. RBEP, v.91, n.229, p.511-527, Brasília, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** S. Paulo, Martins Fontes, 2010.